



A Santa Sé

PAPA BENTO XVI

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 7 de Fevereiro 2007

Antes da Audiência geral, realizada na Sala Paulo VI, Bento XVI encontrou-se na Basílica de São Pedro com os fiéis das Dioceses da Lombardia por ocasião da visita "ad Limina" dos Bispos daquela Região italiana, proferindo estas palavras:

Queridos irmãos e irmãs das Dioceses Lombardas!

Saúdo antes de tudo a vós, queridos Irmãos no Episcopado, que viestes a Roma para a Visita *ad limina Apostolorum*. Convosco saúdo os fiéis que vos acompanham neste momento significativo de intensa comunhão com o Sucessor de Pedro. A Igreja que vive na Lombardia, e está aqui representada em todos os seus componentes, tem um papel importante para continuar a desempenhar na sociedade lombarda: anunciar e testemunhar o Evangelho em todos os âmbitos, especialmente onde emergem as características negativas de uma cultura consumista e hedonista, do secularismo e do individualismo, onde se registam antigas e novas formas de pobreza com sinais preocupantes do mal-estar juvenil e fenómenos de violência e de criminalidade. Se as Instituições e as várias agências educativas parecem por vezes atravessar momentos de dificuldade, não faltam contudo, grandes recursos ideais e morais no vosso povo, rico de nobres tradições familiares e religiosas. No diálogo convosco, queridos Irmãos no Episcopado, constatei como a Igreja na Lombardia é realmente uma Igreja viva, rica do dinamismo de fé e também de espírito missionário, capaz e decidida a transmitir a chama da fé às gerações vindouras e ao mundo do nosso tempo. Estou-vos agradecido por este dinamismo de fé, que vive precisamente nas Dioceses da Lombardia.

É vasto o vosso campo de acção. Trata-se, por um lado, de defender e promover a cultura da vida humana e da legalidade, por outro é necessária uma conversão pessoal e comunitária a Cristo cada vez mais coerente. De facto, para crescer na fidelidade ao homem, criado à imagem e

semelhança do Criador, é preciso imergir-se mais intimamente com coerência no mistério de Cristo e difundir a sua mensagem de salvação. Devemos fazer o possível para conhecer sempre melhor a figura de Jesus, para ter dele um conhecimento não só "de segunda mão", mas um conhecimento através do encontro na oração, na liturgia, no amor ao próximo. É um compromisso certamente difícil, mas são confortadoras as palavras do Senhor: "E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos" (Mt 28, 20). O Senhor está connosco também hoje, amanhã, até ao fim dos tempos!

Portanto, intensifique-se o vosso testemunho evangélico para que em cada ambiente os cristãos, guiados pelo Espírito Santo que habita na Igreja e nos corações dos fiéis como num templo (cf. 1 Cor 3, 16-17), sejam sinais vivos da esperança sobrenatural. O nosso tempo, com tantas angústias e problemas, tem necessidade de esperança. E a nossa esperança vem precisamente da promessa do Senhor e da sua presença. Encorajo-vos, queridos Bispos, a guiar o activo povo lombardo por este caminho, contando em qualquer situação com a indefectível assistência divina. Prossigamos com a ajuda do Senhor nesta direcção!

* * *

Os cônjuges Priscila e Áquila

Queridos irmãos e irmãs!

Dando um novo passo nesta espécie de galeria de retratos das primeiras testemunhas da fé cristã, que iniciámos há algumas semanas, tomamos hoje em consideração um casal de esposos. Trata-se dos cônjuges Priscila e Áquila, que se colocam na órbita dos numerosos colaboradores que gravitam em volta do apóstolo Paulo, dos quais já falei brevemente na quarta-feira passada. Com base nas notícias que possuímos, este casal desempenhou um papel muito activo no tempo das origens pós-pascais da Igreja.

Os nomes Áquila e Priscila são latinos, mas este homem e esta mulher são de origem hebraica. Pelo menos Áquila provinha geograficamente da diáspora da Anatólia setentrional, diante do mar Negro na actual Turquia enquanto Priscila, cujo nome se encontra por vezes abreviado em Prisca, era provavelmente uma judia proveniente de Roma (cf. Act 18, 2). Contudo, foi de Roma que eles partiram para Corinto, onde Paulo se encontrou com eles no início dos anos 50; lá associou-se a eles porque, como narra Lucas, exerciam a mesma profissão de fabricantes de tendas ou toldos para uso doméstico, e foi acolhido até na sua casa (cf. Act 18, 3). O motivo da sua ida a Corinto tinha sido a decisão do imperador Cláudio de expulsar de Roma os Judeus residentes na Cidade.

O historiador romano Suetónio diz-nos sobre este acontecimento que tinha expulso os Judeus porque "provocavam tumultos por causa de um certo Cresto" (cf. *Vita dei dodici Cesari*, Claudio", 25). Vê-se que não conhecia bem o nome em vez de Cristo escreve "Cresto" e tinha apenas uma

ideia muito vaga de quanto tinha acontecido. Contudo, haviam discórdias no interior da comunidade judaica sobre a questão se Jesus era o Cristo. E estes problemas eram para o imperador o motivo para simplesmente expulsar de Roma todos os Judeus. Disto se deduz que o casal tinha abraçado a fé cristã já em Roma nos anos 40, e agora tinham encontrado em Paulo alguém que não só partilhava com eles esta fé que Jesus é o Cristo mas que também era apóstolo, chamado pessoalmente pelo Senhor Ressuscitado. Por conseguinte, o primeiro encontro dá-se em Corinto, onde o recebem em casa e trabalham juntos na fabricação de tendas.

Num segundo momento, eles transferem-se para a Ásia Menor, para Éfeso. Ali tiveram uma parte determinante em completar a formação cristã do judeu alexandrino Apolo, do qual falámos na quarta-feira passada. Dado que ele conhecia apenas superficialmente a fé cristã, "Priscila e Áquila, que o tinham ouvido, tomaram-no consigo e expuseram-lhe, com mais clareza, o Caminho do Senhor" (*Act 18, 26*). Quando de Éfeso o Apóstolo Paulo escreve a sua *Primeira Carta aos Coríntios*, junta explicitamente às suas saudações também as de "Áquila e Prisca, com a comunidade que se reúne na sua casa" (16, 19). Assim chegamos ao conhecimento do papel importantíssimo que este casal desempenha no âmbito da Igreja primitiva: isto é, o de receber na própria casa o grupo dos cristãos locais, quando eles se reuniam para ouvir a Palavra de Deus e para celebrar a Eucaristia. É precisamente aquele tipo de reunião que em grego se chama "ekklesia" a palavra latina é "ecclesia", a italiana "chiesa" que significa convocação, assembleia, reunião.

Portanto, na casa de Áquila e Priscila reúne-se a Igreja, a convocação de Cristo, que celebra os Mistérios sagrados. E assim podemos ver o nascimento precisamente da realidade da Igreja nas casas dos crentes. De facto, os cristãos até finais do século III não tinham lugares próprios de culto: foram estas, num primeiro tempo, as sinagogas judaicas, até quando a originária simbiose entre Antigo e Novo Testamento se dissolveu e a Igreja das Nações foi obrigada a dar-se uma própria identidade, sempre profundamente enraizada no Antigo Testamento. Depois desta "ruptura", os cristãos reúnem-se nas casas, tornam-se assim "Igreja". E por fim, no século III, surgem verdadeiros e próprios edifícios de culto cristão. Mas na primeira metade do século I e no século II, as casas dos cristãos tornam-se verdadeira e própria "igreja". Como disse, lêem juntos as Sagradas Escrituras e celebram a Eucaristia. Acontecia assim, por exemplo, em Corinto, onde Paulo menciona "Gaio, que me recebe como hóspede, assim como a toda a igreja" (*Rm 16, 23*), ou em Laodiceia, onde a comunidade se reunia na casa de uma certa Ninfa (cf. *Cl 4, 15*), ou em Colossos, onde o encontro se realizava em casa de um certo Arquipo (cf. *Fm 2*).

Tendo sucessivamente regressado a Roma, Áquila e Priscila continuaram a desempenhar esta preciosíssima função também na capital do Império. De facto, Paulo escrevendo aos Romanos, envia esta saudação: "Saudai Priscila e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus, pessoas que, pela minha vida, expuseram a sua cabeça. Não sou apenas eu a estar-lhes agradecido, mas todas as igrejas dos gentios. Saudai também a igreja que se reúne em casa deles" (*Rm 16, 3-5*). Que extraordinário elogio do casal nestas palavras! E quem a faz é precisamente o Apóstolo

Paulo. Ele reconhece explicitamente neles dois verdadeiros colaboradores do seu apostolado. A referência ao facto de ter arriscado a vida por ele deve relacionar-se provavelmente com intervenções em seu favor durante algum seu aprisionamento, talvez em Éfeso (cf. *Act* 19, 23; *1 Cor* 15, 32; *2 Cor* 1, 8-9). E que à própria gratidão Paulo associe até a de todas as Igrejas das Nações, mesmo considerando a expressão talvez bastante hiperbólica, deixa intuir como é vasto o seu raio de acção e, contudo, a sua influência em benefício do Evangelho.

A tradição hagiográfica posterior conferiu um realce muito particular a Priscila, mesmo se permanece o problema de uma sua identificação com outra Priscila mártir. Contudo, aqui em Roma temos quer uma igreja dedicada a Santa Prisca no Aventino quer as Catacumbas de Priscila na via Salária. Deste modo perpetua-se a memória de uma mulher, que certamente foi uma pessoa activa e de muito valor na história do cristianismo romano. Uma coisa é certa: juntamente com a gratidão daquelas primeiras Igrejas, das quais fala São Paulo, deve juntar-se também a nossa, porque graças à fé e ao compromisso apostólico dos fiéis leigos, de famílias, esposos como Priscila e Áquila o cristianismo chegou à nossa geração. Podia crescer não só graças aos Apóstolos que o anunciavam. Para se radicar na terra do povo, para se desenvolver vivamente, era necessário o compromisso destas famílias, destes esposos, destas comunidades cristãs, de fiéis leigos que ofereceram o "húmus" ao crescimento da fé. E sempre, só assim a Igreja cresce. Em particular, este casal demonstra como é importante a acção dos casais cristãos. Quando eles são amparados pela fé e por uma forte espiritualidade, torna-se natural um seu compromisso pela Igreja e na Igreja. A comunhão quotidiana da sua vida prolonga-se e de certa forma sublima-se na assunção de uma responsabilidade comum em favor do Corpo místico de Cristo, mesmo que fosse de uma pequena parte dele. Assim era na minha geração e assim será com frequência.

Do seu exemplo podemos tirar outra lição que não devemos descuidar: cada casa pode transformar-se numa pequena igreja. Não só no sentido de que nela deve reinar o típico amor cristão feito de altruísmo e de solicitude recíproca, mas ainda mais no sentido de que toda a vida familiar, com base na fé, está chamada a girar em volta da única senhoria de Jesus Cristo. Não é ocasionalmente que na *Carta aos Efésios* Paulo compara a relação matrimonial com a comunhão sponsal que existe entre Cristo e a Igreja (cf. *Ef* 5, 25-33). Aliás, poderíamos considerar que o Apóstolo modele indirectamente a vida da Igreja inteira sobre a da família. E a Igreja, na realidade, é a família de Deus. Por isso honramos Áquila e Priscila como modelos de uma vida conjugal responsabilmente comprometida ao serviço de toda a comunidade cristã. E encontramos neles o modelo da Igreja, família de Deus para todos os tempos.

© Copyright - Libreria Editrice Vaticana